

O Surto

Estava tudo pronto para o jantar; a costelinha de tambaqui assada, vinda diretamente de Manaus, meu marido trouxera em sua última viagem. Fez tanta propaganda que eu estava louca pra provar. Sentia a água vir à boca enquanto assistia Zulmira preparar o prato. O arroz solto e branquinho, e o purê de batatas que de tão aromático parecia exalar um perfume saboroso. Elogiei Zulmira pelo capricho e a arrumação da mesa. Fui esperar pelos convidados na sala. Décio acabara de sair do banho, estava preocupado, tenso.

“Meu amor já está tudo pronto? Eles devem chegar a qualquer momento”.

“Tudo pronto meu bem!”

Há muito tempo não via Décio tão preocupado, na verdade nem me lembrava há quanto tempo meu marido não convidava alguém para jantar. Talvez mais de vinte anos. Só me lembrava de convidados em nossa casa logo após o casamento. Quando se é recém-casado você quer que todos os amigos e parentes conheçam sua casa. O cheiro de casa recém-montada, tudo bonitinho e devidamente colocado em seu lugar, cada enfeite, cada porta-retrato arrumado e re-arrumado a cada dia, parece até casa de boneca. Meu pai dizia que nossa casa não era uma casa de verdade, dizia ter a impressão de que eu me preocupava até com o seu peso esparramado em meu sofá novo, meu olhar preocupado com o assento abolido a cada vez que ele se levantava. Não era bem essa minha preocupação, acho que não, mas o fato é que ele se recusava a nos visitar, o sofá era só uma desculpa, ele nunca gostou do Décio, desde o dia em que o conheceu, chegou a insinuar que ele não era o homem certo, o que nos fez romper as relações por mais de seis meses. Depois, quando nos casamos, ele acabou aceitando, mas nunca fez qualquer esforço para se dar bem com meu marido, Décio também não gosta muito dele, mas sempre negou isso. Com minha mãe ele falava apenas o trivial, nunca demonstrou nenhum tipo de sentimento, nem contra, nem a favor. Quase como estamos vivendo hoje. Sem sentimentos...

O som do interfone me despertou - Eles chegaram amor! Peça a Zulmira para abrir a porta.

“Querida esse é o doutor Rodolfo, dono da companhia, e sua esposa, dona Rafaela”.

“Muito prazer em conhecê-los”.

“O prazer é todo nosso”. Disse o homem olhando-me de um jeito estranho.

“Seu apartamento é muito bem decorado”. Disse a mulher.

“Obrigada, sentem-se, sintam-se à vontade”.

“Martha é muito boa com decoração, ela também é uma excelente cozinheira, boa mãe, tem tudo que um marido poderia querer de uma esposa”. Disse Décio rapidamente, sem dar tempo para qualquer comentário, iniciando uma conversa sobre os negócios da empresa e seus projetos.

Quanta bobagem – pensei – Não fui eu quem fez a excelente comida que iriam provar, e nem era eu quem cuidava daquela casa, graças ao bom

salário que o tal doutor Rodolfo pagava ao meu marido, há muito tempo tínhamos empregada, faxineira e outras comodidades que o dinheiro pode nos dar. Também por isso fui obrigada por Décio a largar o trabalho. Logo que ele terminou a faculdade, e começou a subir na empresa. Quando me contou sobre o início de suas aulas de inglês (me lembro até hoje) tentei por muitas vezes dizer que também gostaria de falar outra língua, de nada adiantou, e quando fui clara, quase exigindo que me matriculasse no curso, ele esbravejou dizendo que eu não precisava falar inglês porque não trabalhava fora, e se fossemos viajar, ele estaria sempre comigo para providenciar tudo.

“Posso servir o jantar dona Martha?”

“Martha! Martha... Querida você estava tão distraída com a conversa que nem ouviu Zulmira perguntar se pode servir o jantar.”

Acordei de minhas lembranças. “Oh desculpe querido, é verdade, quando você fala com tanta empolgação sobre o trabalho, eu fico tão compenetrada em suas palavras”. Mau sabia ele que não escutei uma só palavra do que dizia. Quando nosso filho Heitor – não tenho coragem de dizer isso ao meu próprio filho, mas detesto esse nome. Heitor. Escolha do Décio, eu queria Henrique. Quando Heitor nasceu Décio contratou uma babá, e eu só pegava meu filho para amamentar, ele achava que eu não saberia cuidar direito da criança, me sentia como se ambos tivéssemos uma babá, ela seguia extremamente as ordens de Décio, em certas ocasiões era dura comigo, me fez sofrer muito, e dizia “Ordens do seu Décio”. Quando Heitor já estava com dez anos, eu tinha a certeza de que não precisávamos mais de uma babá. Mas Décio precisava, descobri isso quando voltava da casa de meus pais e peguei a desgraçada com meu marido em nossa cama. Quis me separar, mas o Décio me convenceu que seria um erro, que fora apenas um deslize, instinto masculino, apenas sexo. Eu o perdoei, e hoje me arrependo por isso, acho que vou me arrepender pelo resto de meus dias...

“O que foi querida, a comida não está do jeito que você esperava?”

“A comida? Não... não está ótima”

“Realmente está maravilhosa” Disse a mulherzinha engomada do doutor Rodolfo. Será que ela sofria tanto quanto eu com seu marido? Será que ele era tão ruim com ela como Décio era comigo. Será que ainda transavam? Ela ainda estava bem conservada, provavelmente era bem mais velha do que aparentava, seu corpo conservara a perfeição que provavelmente tinha há anos, já ele, era velho e aparentava ser ainda mais velho, barrigudo, calvo, dentes amarelos de tanto fumar... Como seria aquele homem nu? Provavelmente uma coisa horrível de se ver... Décio também não era lá grande coisa, mas aquele velho devia ser ainda muito pior.

“Querida! Querida! Você está com algum problema, está se sentindo bem? Me pareceu distante, alguma preocupação? Está se sentindo bem?”

“Desculpe, estava distraída”.

“Distraída? Desculpem, às vezes Martha fica assim, alheia, me deixa preocupado, já pedi a ela que vá ao médico. Às vezes penso que é a falta de ocupação que a faz submergir em seus pensamentos, sabem como é... Não trabalha, vive dentro de casa, sem maiores ocupações ou preocupações. É como diz aquele velho ditado: Cabeça vazia, oficina do diabo.”

“Não seja indelicado com seus convidados meu amor... O único diabo que fez da minha cabeça vazia uma oficina, durante todos esses anos, foi você”.

“Martha!”

“Não estava alheia, estava pensando como esse seu patrão deve ser horrível pelado, já pensou nisso, não, você seria incapaz de pensar nisso”.

“Martha... Por favor, me desculpem, ela deve estar embriagada, foi o vinho.”

“Não, você nunca pensou, pode ser que já pensou nessa velha pelada, isso com certeza já passou pela sua cabeça”...

“Pare com isso Martha... Ela deve estar ficando louca.”

“Faz tempo... muito tempo que você vem me deixando louca Décio, e hoje é o dia do surto.” Eu deixei minha vida por você, parei de trabalhar, estudar, parei de viver, não criei meu filho do jeito que queria, ele foi criado por uma babá, que você escolheu, que você levou para cama. Lembra o dia em que peguei vocês na nossa própria cama? Chega Décio, cansei, cansei de você, cansei desse seu emprego, desse seu patrão gordo e sua mulher de plástico, é assim que você quer que eu fique quando estiver com a idade dela? Pra mim chega! Vou viver minha vida!

“Desculpem-me, Martha volte aqui! E o Heitor?”

“Depois brigamos por isso na justiça, por ele e por tudo que tenho direito, vou querer cada centavo, inclusive os danos morais”

Desde aquele dia, quando sai de casa nunca mais me encontrei com Décio, nem mesmo quando ele vem buscar o Heitor para passar os finais de semana. Desde aquele dia me arrependo muito, não paro de pensar um dia de minha vida, na única coisa que me perturbou durante toda aquela noite: Infelizmente não provei a costelinha de Tambaqui e o purê de batatas, até hoje sinto água na boca quando me lembro. Essa foi à última e mais terrível privação que Décio me proporcionou em todos aqueles anos em que estivemos casados.